

Carta Econômica

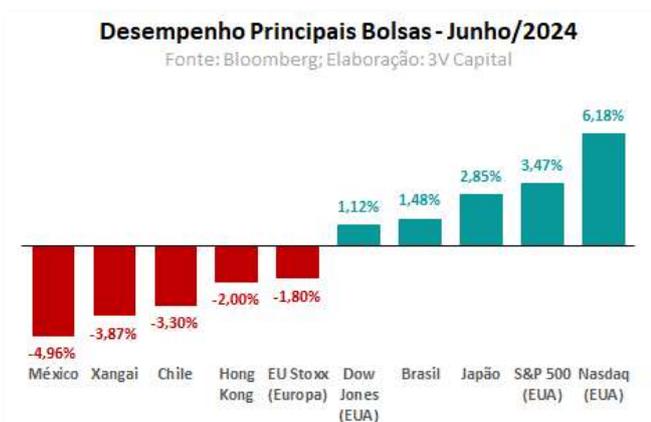
Junho/2024



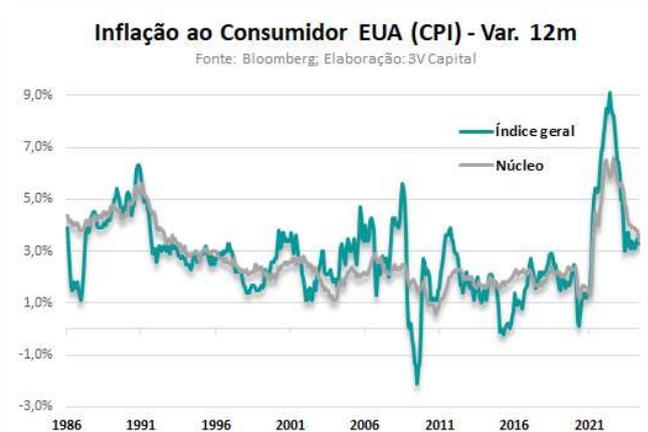
3V
capital
Gestão de Recursos

Cenário Externo

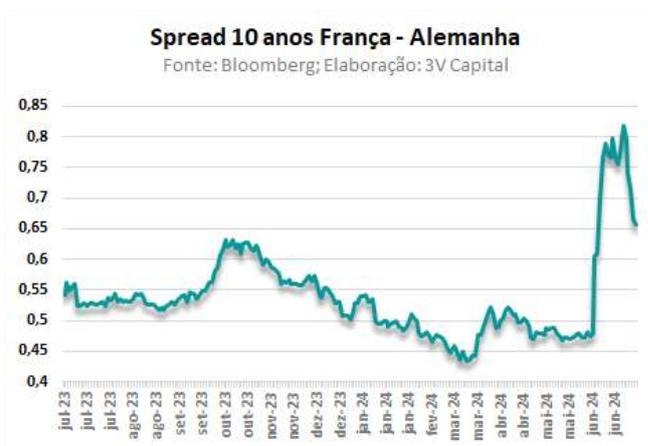
O mês de junho foi caracterizado por uma recuperação dos ativos de risco americanos, impulsionada pelas empresas de tecnologia, enquanto outras bolsas ao redor do mundo sofreram desvalorização no período. As curvas de juros fecharam no mês, com exceção da França, país que se destacou devido à dissolução do parlamento pelo presidente Macron.



O mercado de ações da maior economia do mundo foi praticamente o único responsável pela alta acionária em junho, impulsionado especialmente pelas grandes empresas de tecnologia. Além disso, os dados de produção e emprego permaneceram robustos, o que pode dificultar os planos do Fed de iniciar o ciclo de corte de juros este ano, apesar dos sinais mais moderados de inflação.

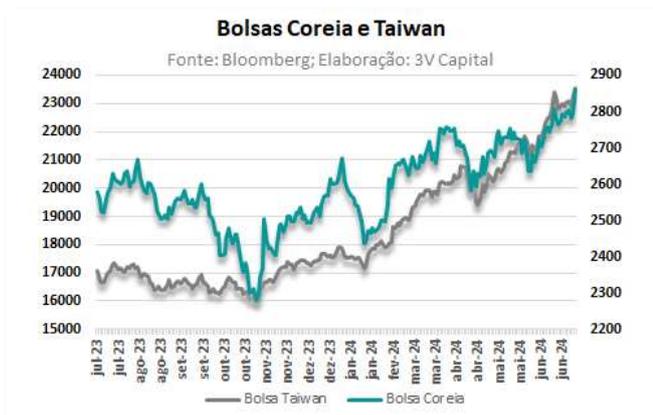


Na Europa, o presidente Emmanuel Macron dissolveu o Parlamento francês após uma vitória esmagadora da oposição nas eleições do Parlamento Europeu. Como consequência, o risco-país da França, que é a segunda maior economia da zona do euro, aumentou significativamente em relação ao risco-país da Alemanha, a maior economia do bloco. Essa turbulência, aliada ao corte de juros pelo Banco Central Europeu, enfraqueceu o euro em relação às outras moedas, e as bolsas, principalmente a francesa, sofreram correções.



Na Ásia, os países com produção intensiva de chips e semicondutores, como Taiwan e Coreia do

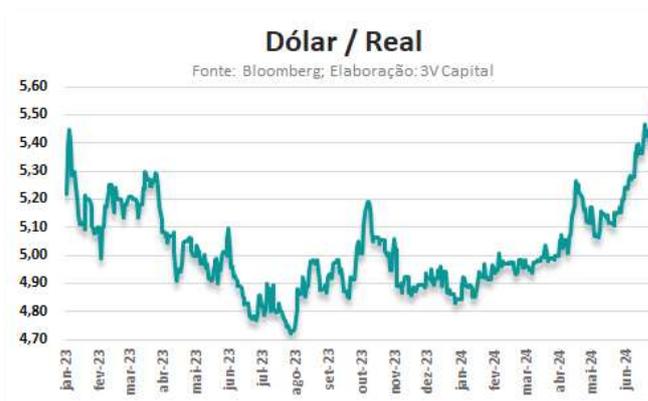
Sul, se beneficiaram da valorização do setor. No Japão, o iene continua sua impressionante desvalorização, atingindo a mínima de várias décadas em relação ao dólar.



Em suma, os mercados globais tiveram um respiro, com exceção da Europa, que sofreu com uma certa volatilidade política. Os mercados seguem apreensivos e observam atentamente o Fed, que deve ditar em ritmo, intensidade e prazo o início dos cortes de juros dos principais bancos centrais do mundo.

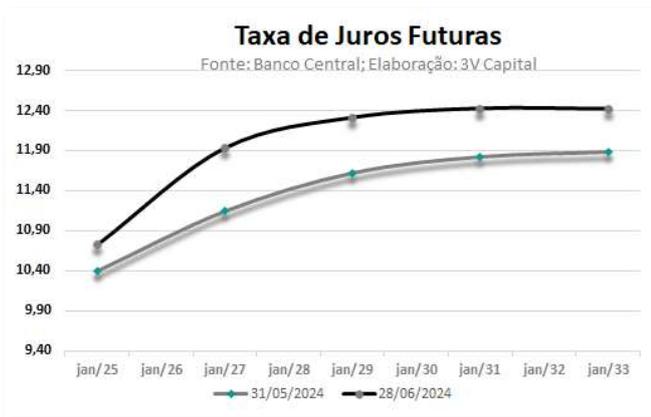
Cenário Doméstico

Apesar dos ventos mais favoráveis no exterior, houve piora relevante na percepção de risco doméstico no mês de junho, com a política fiscal no foco dos mercados.



No contexto de críticas do setor privado e menor disposição do Legislativo em promover novas medidas arrecadatórias, a cautela local se intensificou após o Congresso barrar a Medida Provisória proposta pela Fazenda que visava restringir o uso de créditos tributários de PIS e Confins pelas empresas. O governo contava com esses recursos para fazer frente à lei que prorrogou a desoneração da folha para diversos setores intensivos em mão de obra e municípios, e na ausência de um plano B repassou essa tarefa para o Congresso.

E apesar da pressão cada vez maior do mercado por algum ajuste fiscal pelo lado da despesa e da sinalização dos ministros Haddad e Tebet em prol de uma revisão de gastos, o presidente Lula amplificou os ruídos com sua retórica expansionista, resistindo a medidas que realmente tragam algum impacto fiscal e sustentem o arcabouço, como a desvinculação de benefícios assistenciais e previdenciários ao salário-mínimo e/ou mudança nos pisos de saúde e educação.



No que tange à política monetária, a despeito das reiteradas críticas do chefe do Executivo a Campos Neto e à postura adotada pelo Banco Central, o Copom de junho não se dobrou a pressões políticas e entregou a tão aguardada unanimidade ao manter a taxa Selic em 10,5% ao ano, recuperando a credibilidade após a divisão observada no mês anterior. No comunicado, a autoridade trouxe um viés claramente *hawkish*¹, indicando a necessidade de se seguir com a política monetária contracionista por tempo suficiente para que se consolide não apenas o processo de desinflação, mas também de reancoragem das expectativas em torno das metas. Porém o alívio na curva de juros com o Copom não durou muito, já que o risco fiscal e a forte desvalorização do câmbio tornaram a pressionar as taxas futuras de juros.



Para as próximas semanas, as atenções devem seguir voltadas ao comportamento do dólar, cuja escalada traz potencial inflacionário em meio a preocupações com a trajetória de endividamento público. Não menos importante, a sucessão no Banco Central também será acompanhada de perto, já que a partir de janeiro do ano que vem muita coisa poderá mudar, quando o atual governo terá sete das nove cadeiras do Copom. Em que pese todas as preocupações, reiteremos o *valuation* bem descontado de muitos ativos locais, ainda que o *trigger* para uma eventual recuperação não esteja claro.

Indicadores - retornos (%)				
Taxa/Índice	abr-24	mai-24	2024	12 meses
CDI	0,89%	0,83%	4,40%	12,01%
Dólar (Ptax-V)	3,51%	1,35%	8,27%	2,86%
Ibovespa	-1,70%	-3,04%	-9,01%	12,70%
IMA-B	-1,61%	1,33%	-0,13%	6,56%
IPCA	0,38%	0,41%	2,22%	3,87%
IRF-M	-0,52%	0,66%	1,81%	10,51%
S&P 500	-4,16%	4,80%	10,64%	26,26%
Euro Stoxx	-3,19%	1,27%	10,22%	18,15%
MSCI Emerging	0,53%	0,29%	2,46%	9,43%

*IPCA do mês que acabou de encerrar refere-se à projeção da Anbima

¹*hawkish*: termo utilizado como referência a um viés mais rigoroso de um determinado banco central, cuja intenção é elevar os juros

AVISOS

Esta apresentação foi elaborada pela 3V CAPITAL GESTÃO DE RECURSOS ("3V CAPITAL") e não pode ser reproduzida ou distribuída a terceiros, no todo ou em parte, sem o prévio consentimento por escrito de seus representantes. As informações nela contidas foram obtidas de fontes de mercado consideradas confiáveis. Embora acredite na confiabilidade de suas fontes, a 3V CAPITAL não garante que as informações coletadas sejam exatas e completas. As opiniões, estimativas e visões de investimento expressas nesta apresentação refletem exclusivamente a opinião dos representantes da 3V CAPITAL, tendo como base as atuais condições de mercado e podem não ser apropriadas aos interesses de todos os investidores, os quais devem ser analisados individualmente.